

QUANTO PESA O CORAÇÃO DE UM CARDIOPATA?

Flávia Figueirêdo

Os olhos estavam ofegantes e perpendiculares ao resto do mundo como um grande risco duplo flutuante. Porém, devido à intensidade de suas interpelações, sugavam-na como em pedido forte. O cabo parecia ainda mais vário e pontiagudo naquela ocasião, passando, perpassando, entrepondo-se copiosamente por entre as pernas fixas, ali, nada grandiosas. Era de um felino típico e de solicitações miadas típicas. Certo documentário apontara que gato é bicho do mato ainda que em casa, lembrou-se. E gente é bicho de casa mesmo que no mato? Cérebro pinicante dentro de casa é sinal de coração intempestivo para além. Casa de ferreiro, espeto de pau inábil. Pois, se *in loco* as demandas se sobrepunham, externo, o coração era sobrepujado pelas sinestésias das emoções acumuladas que não se explicam.

Sobre a relação entre homens e seus bichos, leu certa vez que se pensou que os últimos eram o pré-estágio de um objeto domado querido pelos primeiros. Das teorias do colecionismo mesmo. O que seria de forte valia aos cães abanadores de rabo, mas, não aos gatos de vigília ressabiada, logo, percebeu-se. Os gatos não se dão aos mimos humanos e os fariam se dobrarem intensamente as suas cambalhotas. Uma pirraçaria sem fim que os comeria e os diminuiria não interessasse a medida de suas inteligências *homo sapiens* de boteco. A respeito da mesclação entre bichos e homens nada se disse, pois, em seus corpos não se pousou e sobre suas lentes ainda não se tem compreendido que medida é essa que legisla sobre os gatos enxergarem preto, branco e verde. Onde essa autoridade? Reivindicariam os mais entusiastas e leigos das ciências. Em que ponto se deu o cuidado aos gatos, não se capturou. O que se sabe é que havia sempre um grande

aperto entusiasta rondando cada vez que o amor a eles não era correspondido ou eram tolhidos dos afagos devidos de direito. Em casa, é como se toda a população fosse em torno dos pequenos, e que um a mais desse a eles o lugar de poderio, de reinado. Uma doença só.

Não ali dentro, as excitações de tempo em tempo suscitavam-na por conta de *uno* ter dito que grandes eram suas mãos pequenas, naquela noite de cheiro quente. Era como um pulo que aquilo ia e vinha e que à moda Funis, o memorioso, o cheiro vinha em polvorosa e um estremecimento todo comia cada pedaço de seu coração-pequeno-de-galinha-quase-ao-ponto. Depois daquilo, não houve dia que se passasse sem que a imaginação povoasse exuberante de possibilidade que aquelas pequenas delicadas escorressem por cima da boca que sobre ela falava e a puxasse rente ao corpo ardiloso naturalmente, assim mesmo, sem vírgulas, sem fim; para dentro da miudeza o que mais queria, para bem dizer umas verdades, era exaltação, era pulsação atrapalhada pelo sopro do sopro cardíaco. Era um balance só, uma semidança acasalante se humanos intelectualizados não fôssemos todos nessas eras de modernidades sem fim. Não havia ruma de respiro, sem que a vida tivesse sido permitida até aquele ponto de vicissitude, sem o hálito da boca que anunciava grandes as pequenas a deslizar no seu pescoço que só se condicionava passante, às vezes, assim, de lado, despreziosamente, ao léu, ao corpo querendo que cáisse, que se chocasse, que se confundisse, que se perdesse, que o deturpasse de qualquer pudor de dentro de casa e a levasse antes que a morte o fizesse. Recentemente.

Viver e está vivendo dentro. Ser objeto incluído e, por sê-lo, ser desautorizado de olhar crítico e distante de suas próprias condições de armazenamento, de inculcação. Não era da ordem dos naturalismos, dos fatalismos, dos ismos, mas como em uma iluminação de morte em vida, definira seu cerne de estudo que consistia em dizer que a felicidade era da ordem das diacronias, ao passo que a alegria é sincrônica saussureanamente. Só que naquela manhã, os diplomas se entendiam fortemente invalidados, já que bastava, pois, que se trocasse a areia, que

os odores fossem substituídos, intempestivamente, que houvesse um espaço mínimo para suas vergonhas trabalharem, queria o gato. As mãos grandes-pequenas e memoriosas eram suficientemente apropriadas para a tarefa do dia a dia, bem mais que suas intelectualidades conseguidas, vãs, anti-pragmáticas, assim, assim. Entretanto, ainda que os apelos fossem de morte, não foram o bastante temerosos que os comércios fechados se abrissem, que as areias inexistentes existissem ou que os desejos de urinas lancinantes se desempolgassem para nunca de sua caixinha apropriada. Mas, o corpo ali, ereto-torto todo se impunha defronte, era preciso que providência certa fosse cumprida ou o mundo se abriria por completo e os demônios a comeriam em polvorosa. Sabe-se, porém, que pra tanto não era, mas o que se diz é que na linguagem dos gatos, a coisa toda pouca é muita, é hipérbole de um olho só expelindo jatos de exagero no mundo das pessoas-gatos-gigante desde o seu ponto de vista, mas, isso o documentário não disse, percebeu-se.

Lembrou-se que aos que andam de cabeça baixa e dão de ombros a tudo como manifestação são geralmente chamados de avestruz pelos colegas na escola. Subitamente um levantar de sobrancelhas curiosas rumo ao céu, mas o que seria aquilo avestruz? É um bicho que anda com a cabeça para lá de enterrada no chão. Mas como o chão é furado? Com o bico ou com a cabeça? Vê que não era aquela a lição mais fundamental da fábula toda. Vê que de um ato inesperado a coisa toda se desacoplou de seu estado inicial de pedagogia. Se durante o almoço, descascava por indeterminados e incansáveis minutos as cascas dos caroços de feijão ou se comia cruas batatas e abóboras verdes, durante o mesmo intervalo interrompia o ritual das comidas para ida religiosa ao banheiro. Pensa que são os dois lados de uma mesma coisa. Pensa que enquanto se injeta, se expele. Arrancar fio a fio os blocos de seus cabelos venenosos estaria também implícito nas noites de desinfestação dos piolhos mirins à espera que a mãe afundasse suas madeixas no balde profundo de vinagre abandonado no meio da sala. Uma memória embaçada.

Por que se dava àqueles rompantes. Por que havia em seu todo diminuído uma vontade imensa nem de desconstrução, mas de destruição e, para saná-lo apenas o ato forte de quem rasga, amassa, pinica, estraçalha sem precedentes. Toda vez que aquilo viesse sugere que pegasse uma folha de papel e a amassasse levemente até que se tornasse um pedaço pequeno embolado, insignificante e em que residiria toda a excitação de esmiuçamento outrora acumulada, mal-sublimada, contida. O que novamente revertia todo o processo de educação consistia em aquilo não ter podido ser efetuado na ausência de um papel vulgar, mas na presença da fatura da conta de luz de sua avó ao alcance a que incidiria os ímpetos de fúria erroneamente aliviados. A surra viria mais uma vez.

Esse dinheiro é seu. Não, é da minha avó, peguei debaixo das roupas da última gaveta do guarda-roupa. Ela acha que eu não sei que aquele dinheiro está lá, mas eu a vejo colocando e peguei. Quanto? Uma nota de cinquenta, uma de dez e umas moedas de um real. Pra quê? Para comprar picolé para os meus colegas.

Anda logo! Já vou! A idade ainda era tenra para a era dos banhos demorados. O relógio corria independente de as psicologias individuais terem pressa ou não, independente de querer ou não que ele corresse. Quase hora da escola. Quase hora do almoço. Quase hora do ônibus para ir à escola. Cadê você? Estou terminando! Eu vou aí! Já estou saindo! Abre a porta do banheiro: menino molhado com gato ensaboado no colo a tomar banho também. Da mãe, a voz entrecortada de faca, o ódio subindo ao cérebro em forma de veia que se derramaria a qualquer momento, sem vocábulos prévios, a pedagogia perdera mais uma vez. Antigamente.

Voltara. A grande descoberta dos amores e seus avassalamentos é que sua origem provém da ordem do impossível de ser que é seu de pertencimento nato. Redoma periculosa do que poderia ter sido, do lugar de coração que tudo pode, mas nada toma para si, grande e translúcida demais para que as pernas abracem. No conforto em que se acomoda o morno não há moradia certa dos beijos molhados de véspera ou das furtividades dos olhares lançados nos elevadores ou

nas escadas ou do tombamento estremeceador entre dois que resvala o perfume de ombro em ombro, como uma instância de fogos no breu. O encontro não efetivado era algo dos que não lhe falhassem jamais à memória, revivido, regozado, para além dos limites de si própria. Amor daqueles do tipo que desautoriza de suas próprias convicções, de seus próprios receios, do mal-estar dos mais febris, soluçosos e calafrientos. Uma intermitência só de corações escandalosos. Uma elucubração só, não fosse a vida em seu estado de realidade cartesiana.

Deitar um sorriso sobre o outro é função do amor e de seus devoramentos. Associando a antevisão de todas as coisas apenas ao direcionamento do mundo acontecendo em favor das salivas se aproximando, cuspiendo-se, comendo-se. Beija. Como se um delírio derrotasse toda a capacidade de se conter, como se as relações entre os animais e as pessoas se fundissem em um só, mas nenhum corpo deixasse de sê-lo se se curvasse a outro. O amor tem dessas coisas de não se considerar como tal até que o intuito de junção bata a sua porta e a queime veementemente só para se impor e se acalmar em seguida, friamente da hipertensão à pressão baixa, de um vínculo a outro sem muita intenção de se fazer explicar bonito. O convite residiria naquele esporro todo, em expeli-lo de gota a gota pelando e o tomá-lo para dentro da pálpebra de seus olhos de amor. Sabe que a luz das areias que tornam rotas os olhos do céu, os converte em estrelas que não se apagarão, apesar de já terem se apagado.

Voltara mais ainda, pois, sem aqueles grãos futuros vidros, a casa dos literatos nunca fora antes tão difamada, nunca antes fora tão posta à prova a sua dignidade em inquietude quanto foi naquela vez levantada hipótese: sem areia, o Suplemento Literário de Minas Gerais em favor das vontades-necessidades do bicho. Não, o Suplemento, não! Outro jornal menos cerebral. Não há outro. Outro material. Nada vale. Escolhamos então a edição mais desimportante da papelada. Não existe! Prefiramos a mais antiga. O canônico não cabe na discussão sincrônica. Que seja! Mas menos aquela dos animais inscritos que eu usei em minha dissertação de

mestrado. Sem chance de ser aquela sobre o Umberto Eco. Prefiro a morte àquela que discute a questão do arquivo em Borges. Sem a areia, o gato ainda unânime em seu tédio de aguardo à urina e mediante o concurso dos repentistas na sua frente. Se despedaçar de vez a barriga da lagartixa não podia em casa, aquilo era tarefa aquém de suas limitações de casa mesma. Mas, olha, se você gosta de epopeias e de sagas, leia Os Lusíadas, de Luís de Camões, se não você não é nada, se não, você não está para nenhuma valia.

Mais um desvio. E do que não só se basta de suas intelectualidades, chove no centro da cidade e da persiana torta do trabalho torto se avista que há nuvem grande pairando as montanhas e se achegando. Era inútil como todos os colegas da repartição se enfileiraram em favor daquela vista apertada, a sensação adquirida é que a qualquer momento, um grupo de sangue circulando se lançaria para fora das janelas em busca de um voo nunca voado de outras vidas. A depressão, de fato, acinzentava suas lentes de contato com o mundo. O vídeo viral do cachorro preto já o antecipara, sentira-se. Sabe daquelas bolhas corpulentas que pesam feito o coração dos que se desapaixonam repentinamente? A nuvem preta é feito o soluço na porta da igreja, é feito o rol dos desamores que repousam nas cabeças deprimidas que se alocam entre as máquinas e suas cadeiras, diriam até ser aquela lacuna o problema de tudo no mundo. O que ela conseguia visualizar era um enforcamento em cadeia acontecendo, forcas em riste e em massa naquele ambiente, parecia um bando de cabeças pendentes desvinculadas de suas artérias nem procurando salvação. Quarenta e cinco minutos depois era bem possível que a chuva chovesse localmente, mas é que aqueles granizos já pendiam esporadicamente em sua visão e se convertiam em mutismo espadaúdo, pois, quando a resposta não vinha e a cabeça se comichava toda por dentro, naquele caso, sua cabeça era uma das enforcadas de outrora. Os transtornos-obsessivos-compulsivos são também da natureza do corpo todo cognitivo. O sol em seguida em aguardo, previamente anunciado, se formava uma imensa bola incômoda por

cima das moleiras cansadas dos que nem mais têm moleiras, diga-se de passagem. À luz dos gerúndios, as revelias se manifestam e mais nada acontece, mesmo acontecendo nas microrrealidades de flores sendo polinizadas e a que não se mede. Os suicidas pensantes, porém, seriam incapazes de se manifestar positivamente a sua natureza, já que certa vez se acordou que o automatador o seria em caso de esquecimento e desconsideração de tudo e de todos ao seu redor, já que dele mesmo isso já havia se efetuado arraigadamente.

Ela mais do que ninguém sabia que a barriga pesava se se jantasse em véspera, mais ainda que as labirintites atacavam em circunstância de estômago vazio. Sabia ainda dos estudos tautológicos em que àquelas duas constatações acabariam se aconchegando invariavelmente. Mais uma vez não se sabe de que redemoinho inicial aquelas coisas todas vieram. Pensamentos de magreza. Pensamentos de beleza. Pensamentos de morte. E um sufocamento generalizado a comendo constantemente em alguns intervalos de sua vida. Ser ou não ser muito menos do que *tornar-se o que se é* valia, mas doía. Havia muita periculosidade naquelas portas todas, era pernóstica para Graciliano e o seu Paulo Honório. Emular um descaso aos assuntos que mais lhe tocavam o ego só fazia com que as pessoas a aplaudissem e a iluminassem por onde passava com seus olhares e comentários brilhantes. Só que de vez em vez, ir ao banheiro era uma atividade em que punha em prática as suas habilidades de simulação: não lavar as mãos sempre que sua obra se acabasse era de suas devassidões mais aprofundadas. Sair ao lavabo em presença de outro residia em despistar as pequenas por debaixo do fluxo da água e passar de lá pra cá naquele jato que ejaculava vida, mas nunca nele mesmo. Para ela, tomar a mão próxima em suco de banheiro era uma realização vexatória, só que imponente. Dotar para si um poder medíocre sem o reconhecimento devido ou legítimo talvez fosse de clínico caso. Às vezes pensava que ele passaria mais uma vez ao seu lado e que tudo aquilo se ressuscitaria maravilhosamente. Amor em lugar de incongruências, impossibilita-se.

Mas amor daqueles de que não se sabe ao certo o ponto em que nasce o arco-íris ou quando o grilo começa a cricrilar verde de paixão é outro. O que se conheceu é que pele, sobrancelhas e boca se salientaram de um piscar de olhos para outro. A boca mastigando de dentro como se aquele burburinho acudisse o mundo e o triturasse dolorosamente. Quem o gato do documentário para fazer com que ela voltasse a casa com as mãos abanando sem aquele amor virulento, febril, estarecido em si. Amor daqueles só enternecido caso o dedo maculoso do deus da morte se engatilhasse assertivamente para um deles e o tocasse e o levasse furtivamente, feito um furação insaciável e sem rumo. Um tiro certo de disparo é cura truncada em forma de coração coagulado à revelia.

Poderia ter se comedido, se calado, se preservado, afinal, as ostras modernas e seus casulos resistiriam ainda para isso, para que o amor não a picasse tão indignamente feito o marimbondo-cavalo que rodopiou, rodopiou no céu do teto do escritório público e se verteu prostrado mediante um papelão usado como uma caixa de maçãs. O inseto trágico era aquilo tudo mesmo cênico das misérias pessoais que ali assolavam. Morrer feito um marimbondo bêbado de bordoadas era um pequeno desfecho imaginado para o grupo apático, com que nenhuma conversa estável se mantivera. A coisa mais assertiva era se demorar no trabalho para não ir-se. Era um comportamento generalizado por ali observado anos a fio. O medo de ir é atemporal. É dos mais potentes. Lançar-se quando o amor chama é para os que não querem morrer rodopiando de marimbondo-cavalo, nem de marimbondo-chapéu.

A pulsação cardíaca frenética corria à margem, diga-se de passagem. A casca do amor subjuntivo era o que fomentava a carne em pé abatida. Ao passo que estrelas se alinhavam rumo a sei lá o quê, o mundo parava para o grande espetáculo que se ia para dentro da alma confusa. Explosões de granada assim, cujos estilhaços batem e voltam na boca e na parede do estômago e ficam cá rodando, apertando e sufocando em jeito de paixão desacontecida, mas sublimada nos ares das coisas

mais tradicionais e seus trabalhos de formiga formigando. Coração que deficitava todas as pretensões do raciocínio lógico e cujo calor se achega e derrete as genitálias mais resistentes. Colar o pé, quando o desejo é de fuga, queima.

Chovendo na palavra onde Manoel Barros estava e o coração se acomodava naqueles intervalos de suas palpitações. Molhar o chão funcionava bem como o apagar das chamas que sua cabeça povoava. Cheia de gatilhos mentais, admitira ser essa a grande inspiração dos que têm o pensamento como seu ganha-pão mais fundamental, clicar as veias feito um grande estalo de medos. O amor e suas brechas supriam a necessidade dos adventos corriqueiros demais na alma dos desafortados, enfurecidos. Se o amor come, não se sabe, João Cabral sabe. Só se conhece que da cabeça ao teto um desmaio atordoava o advento das paixões chegando, se insinuando e se indo, em um mesmo movimento inalcançável feito a via mesma de todas aquelas realizações irrealizáveis, pois. *Como perder dez quilos em sete dias* era mais uma matéria de internet que derretia todas as suas crenças outra vez. Acreditar em tudo o que se lê a levava a dietas, a macumbas, a remédios e a depressões em geral.

Nos casos de religião, segundo o espiritismo, subjugar-se às mazelas dos vícios é sempre caso de involução do espírito. Popularmente, drogas ilícitas e bebidas são as únicas a que se noticiam, mas disse que há amores muito mais intransigentes do que os entorpecimentos catalogados. Amor que vai e não volta, mas se gruda daninho é intransitivo, é perverso. Amor que não se deixa respirar, que apaga a luz da fotossíntese é vida desacontecendo, é morte; com ele é bem capaz que o espírito um dia se floresça em bactéria. Amor que exige vida do morto em causa própria é dor primeira de vida morta. Certa noite, todavia, empolgados a questionaram sobre o som pesado no bar pequeno, ela, se proclamando muito velha, embora nem tanta fosse sua idade, alegou que muito barulho a evadiu das letras, única coisa capaz de intervir, logo, abstinha-se da delegação. Na ordem das covardias, as opiniões se calavam constantemente e se sucumbiam para o lado de dentro da língua batendo e

batendo, é nesse vórtice que as euforias se acalmavam e que o mundo se expiava na figura das religiões. O que deles sem elas? Era conversa a se ter. Rasgava nota de cem em mãos? Não. Não era louco. Responderia criminalmente pelos seus atos. Outra coisa dos repentistas, outra discussão tautológica enfiada pelas mídias nas discussões tavernais e nas mesas familiares.

Entre as idas e as vindas, lembrou-se que a sandália virada matou sua mãe várias vezes que a lenda era quase do rol das realidades. Desvirar-se, porém, era coisa da rotina. Desdobrar-se nem tanto, era mais coisa das insinuações especuladas. A coisa da dobra era muito lacaniana para algumas literaturas, por sobre a letra, na dobra da letra, na perna da letra, no coração da letra. Na volta, as sacolas de verduras não apenas acumulariam as beterrabas, os pepinos, as cenouras e os tomates, só que eram uma folia só de sabores enfiados, obrigados goela adentro. Mas, em certa altura, as alças deixavam de ser flexíveis e se convertiam em penosas, pois, depois da ladeira se afinavam escorregadias, esquivavam-se e se enrugavam a certo ponto de caracol, inabilitando-se deliberadamente ao tato torpe de quem a carrega. Carregado nos braços de quem a pendura sem carinho, é da ordem dos que desamam insistentemente e que repelem de si o toque da língua quente envolvendo o seu coração. Estando assim é que a maioria deles se desvia, arredia-se e se aresta em definitivo. Afastam-se regularmente os amores de suas possibilidades. É nessas oportunidades que se apercebe proximamente dentro de um corpo que padece e de um fiapo de cabelo branco que a qualquer momento a acomete de um desejo de exoneração, uma expulsão generalizada da vida.

Quanto pesa o coração de um cardiopata fatal? Já que o maior dos sentidos são os olhos: onde as bocas, as mãos, os narizes, os ouvidos? Titubeios, lágrimas, arritmias. Enfim, o Suplemento Literário aleatório veio à baila para as pernas abertas de uma urina sobre. Que disparate. Que emoção. Que finados. As caveiras de Guimarães Rosa chacoalhando e se estrebuchando no caixão letrado em nome dos difamadores avivados. Uma pauta para dias a fio. Uma história a ser contada

com seus tons de literariedade acrescidos. Mas, o que é literatura? O que a torna sê-la? A resposta é coisa cara aos literatos. Um dia e tanto para o resto de suas vidas sociais entrecortadas de lampejos. Amor doloso que vai e se afunda movediço no mijó miado na boca da praia pequena. Um sopro do mal.

Flávia Figueirêdo é Doutoranda em Estudos Literários e está às voltas com João Cabral. Gosta de revisar e fazer copidesque de textos, submetendo-os à sua organização obsessiva; mas, hoje, preferia ter ido ver o filme do Pelé com Chaves.